

**ENTRECRUZAMENTOS DE CULTURA E MEIO AMBIENTE NA AMAZÔNIA
PARAENSE: AS AÇÕES EDUCATIVAS PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DO
CORTEJO DO CORDÃO DO GALLO EM CACHOEIRA DO ARARI (PA)**

Joana Célia Coutinho Barretto*

Marilena Loureiro da Silva**

Recebido: 24 set. 2012

Aprovado: 05 out. 2012

* Ms. em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local – Núcleo de Meio Ambiente. PPGEDAM/NUMA/UFPA. Graduada em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará - UFPA; Pós-graduada em Urbanismo pela Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ. Pós-graduada em Patrimônio Cultural pelo FORUM LANDI/UFPA. Arquiteta do quadro técnico da Prefeitura da UFPA. Belém, Pará, Brasil. E-mail: n_jy_trh@hotmail.com

** Dr.^a em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - PDSTU/NAEA/UFPA. Mestra em Planejamento do Desenvolvimento – Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento - PLADES/NAEA/UFPA. Profa. do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UFPA. Profa. do Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Local na Amazônia. Belém, Pará, Brasil. E-mail: marilenaloureiro@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta uma narração e discussão acerca do papel das práticas educativas inerentes ao processo de preparação de uma manifestação cultural chamada Arrastão do Cordão do Gallo, promovido pelo Instituto Arraial do Pavulagem em Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó. São apresentadas as ações socioeducativas ambientais, com ênfase na realização das oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais utilizando material reutilizável e seus resultados. O presente artigo apresenta ainda parte dos resultados da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado intitulada Cultura e Meio Ambiente: as ações socioeducativas do Instituto Arraial do Pavulagem, cujo objetivo geral foi descrever e discutir à luz dos princípios teóricos e metodológicos de educação ambiental como educação política, as ações socioeducativas, ambientais e culturais promovidas pelo IAPAV, as quais foram realizadas em Belém, em Ourém e em Cachoeira do Arari. No presente artigo, são apresentadas, apenas, as discussões referentes ao Cordão do Gallo, uma manifestação cultural realizada no município de Cachoeira do Arari.

Palavras-chave: Culturais. Educação ambiental. Meio ambiente.

CULTURE AND ENVIRONMENT INTERLINKIN IN THE AMAZON PARAENSE: THE EDUCATIONAL PRACTICES IN THE CONSTRUCTION OF THE CORDÃO DO GALO PROCESSION IN CACHOEIRA DO ARARI (PA)

Abstract: This article contains the narration and discussion of the role played by educational practices in Arrastão do Cordão do Gallo, a cultural manifestation promoted by the Arraial do Pavulagem Institute, in Cachoeira do Arari, Marajó. Socioeducational practices such as the production and maintenance of musical instruments made from recycled materials receive prime attention in this article. Besides it, this work also contains partial results of a research conducted for a master degree dissertation entitled Culture and Environment: the socioeducational actions carried out by the Arraial do Pavulagem Institute. The objective of such research was to describe and discuss the socioeducational, environmental and cultural actions carried out by the referred institute in the light of theoretical and methodological principles. These actions were executed in Belém, Ourém and Cachoeira do Arari, being the last mentioned where the discussed cultural manifestation present in this article took place.

Key words: Cultural practices. Environmental education. Environment.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, procura-se explicar as conexões que envolvem as práticas de Educação Ambiental e de Cultura presentes nas atividades do Instituto Arraial do Pavulagem, no município de Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó.

Ainda que haja certo ceticismo da parte de alguns pesquisadores que não compreendem a escola como um lugar de formação de cidadãos e cidadãs críticos, experiências realizadas pelo Brasil, inclusive na Amazônia mostram o contrário. É certo que hoje se observa uma mudança a nível local de organização nos movimentos sociais, nas escolas, nas ONGs, etc., na busca do entendimento da complexidade da vida planetária. Para Reigota (2010, p. 24), a participação dos cidadãos e cidadãs, em nível individual ou em ONGs e movimentos, na construção de uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável, tem sido crescente e a sua importância é indiscutível.

Sobre a escola e a formação dos cidadãos e cidadãs plenos para um novo modelo de desenvolvimento, Reigota (2012), em sua entrevista à HistoriaNews.Org (HN), ressalta que não existe “um” modelo de escola, mas sim vários, citando como exemplo as do interior do Amapá (nas comunidades do Carvão e do Pacuí) que tem dado uma grande contribuição à sociedade, além dos professores e professoras de várias partes do Brasil que estão engajados nas mudanças

sociais e que têm claro a dimensão política de sua atividade pedagógica, o que demonstra que a escola pode sim formar cidadãos e cidadãs críticos.

No contexto das relações entre sociedade e natureza nos anos 60, as agressões ao meio ambiente já eram assunto de discussões sobre crescimento econômico relacionado aos impactos ambientais, assunto nos grandes encontros sobre a questão ambiental. Desses destacam-se o Clube de Roma e a Conferência de Estocolmo (1972), onde o “crescimento zero” proposto pelos países desenvolvidos foi interpretado como inviável, pois limitava o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. No Brasil, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento- Rio-92, evidenciou-se o agravamento da realidade do planeta e das perdas socioambientais. Durante muito tempo a diversidade e o valor intrínseco da capacidade humana foram ignorados, perdendo-se assim o processo transformador da sociedade, e, em consequência, a educação não foi pensada com profundidade dentro e fora da escola.

Na década de 80, em meio à emergência da definição de desenvolvimento sustentável, com base no Relatório de Brundtland, 1987, surge o grupo Arraial do Pavulagem neste mesmo ano, constituído por músicos e artistas locais, numa “brincadeira” que acontecia aos domingos, na quadra junina em frente ao Teatro Waldemar Henrique, na Praça da República em Belém, inspirada num “boizinho na tala”, em reuniões musicais com repertório variado incluindo o boi-bumbá, que com o tempo foi ganhando muitos simpatizantes, vindo a se tornar uma vigorosa manifestação cultural na cidade.

Na década de 2000, em 2003, o grupo se converte em Instituto Arraial do Pavulagem (IAPAV), que com suas ações socioeducativas e ambientais e através das práticas culturais alegria a cidade nos acontecimentos festivos durante o ano. O estudo que ora se apresenta discute as ações socioeducativas e ambientais deste Instituto, com ênfase para aquelas desenvolvidas no município de Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó, no Pará.

O presente artigo busca discutir como as ações de Educação Ambiental-EA, através das práticas culturais promovidas pelo IAPAV, relacionam-se com princípios teóricos e metodológicos de EA, considerando a EA como uma educação política, proporcionando a participação livre, consciente e democrática dos mesmos e satisfação e melhoria de qualidade de vida.

A EA como educação política significa, conforme Reigota (2009, p. 13), considerar prioridade:

A análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza, e as relações entre os seres humanos, visando superar mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos.

A pesquisa foi importante para a compreensão e indicação de novas perspectivas nas questões de cultura e meio ambiente, havendo a possibilidade de utilizar a trajetória da mesma para pesquisas em outras localidades do Pará, e particularmente para o IAPAV, fornecendo subsídios para uma reflexão sobre EA como educação política, tendo em vista o objetivo contido em seu estatuto que é de “contribuir e gerar desenvolvimento pleno as comunidades urbanas e rurais da Região Amazônica, nos aspectos social, cultural e ambiental; valorizando e fortalecendo organizações da sociedade civil e grupos minoritários ligados às manifestações populares amazônicas, prioritariamente em questões referentes à educação, produção e experimentação criativa e econômica, em concordância com seus objetivos e finalidades”¹.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa possui características de uma descrição etnográfica interpretativa. Para Geertz (2011, p. 13), cujos conceitos são baseados na antropologia, uma boa interpretação de qualquer coisa- um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade- leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar, optou-se pela metodologia qualitativa, por enfatizar as especificidades do fenômeno estudado, no caso o desdobramento do trabalho de um grupo musical que evoluiu para um Instituto que com suas ações mobiliza a sociedade em torno de uma proposta de unir cultura e educação ambiental, esclarecendo sobre sua origem e a razão de sua existência (HAGUETTE, 2005, p. 63).

Houve uma preocupação com o processo, onde o envolvimento com a situação possibilitou a apreensão da realidade a partir do olhar dos entrevistados. Foram utilizadas técnicas de levantamento de fontes documentais, pesquisa bibliográfica, levantamento de documentação direta através da observação participante e das entrevistas. Na obtenção da

¹ Estatuto Social do Instituto Arraial do Pavulagem, Capítulo I, Artigo 2º, cedido gentilmente pelo Sr Rubens Stanislaw, integrante do Instituto Arraial do Pavulagem.

documentação direta, para o levantamento dos dados, partiu-se de trabalhos de campo, narrando tudo que se poderia apreender na pesquisa, transcrevendo entrevistas, fatos, circunstâncias numa tentativa de captar o máximo de informações que mostrassem de que modo essas pessoas envolvidas nas atividades do IAPAV vivem, se relacionam e interagem verificando mudanças que possam se traduzir na qualidade de vida dessas pessoas.

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 69), a pesquisa de campo busca informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. O envolvimento com os atores participantes das ações do Instituto, nos espaços onde elas acontecem permitiu o encontro, a descoberta e a surpresa diante da criatividade e da solidariedade compartilhada por todos, sem distinção de raça, sexo ou nível cultural, todos unidos na busca da liberdade e com o propósito de construir algo positivo de mudança em suas vidas, e em confraternização e com a vida planetária. Para Haguette (2005, p. 58-59), o meio circundante de qualquer pessoa consiste unicamente dos objetos que essa pessoa reconhece. Para se compreender as ações das pessoas se faz necessária a identificação de seu mundo de objetos. Nesse sentido, “a vida em grupo representa um processo de formação, sustentação e transformação de objetos cujos sentidos se modificam através da interação, modificando consequentemente a vida dessas pessoas”.

2 OS REFERENCIAIS TEÓRICOS E SEUS INTERCRUZAMENTOS: EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CULTURA, CULTURA AMAZÔNICA E MEIO AMBIENTE

O maior desafio da EA é tornar-se uma educação para compreensão da complexidade ambiental, através de diálogos diversos (LEFF, 2010, p. 217). Conforme o referido autor, a crise ambiental não é meramente uma crise ecológica, mas uma crise de razão. Os problemas ambientais são fundamentalmente problemas de conhecimento. Então a política ambiental deve passar por uma política do conhecimento- e também para a educação. Aprender a complexidade ambiental não constitui um problema de aprendizagem do meio, e sim de compreensão do conhecimento sobre o meio.

Silva (2008, p. 92), numa reflexão sobre o pensamento de Leff, coloca o seguinte:

A compreensão dessa vitalidade da tarefa educativa pela via da inserção da dimensão ambiental, tal como preconiza Leff (2001) implicaria uma necessária revisão da política educacional e de suas práticas, ainda orientadas pela lógica da ação puramente técnica- burocrática, e sua passagem para uma perspectiva de ação, dir-se-ia mais qualitativa que pudesse considerar melhor as demandas da sociedade em termos educativos, desse modo, poder-se-ia pensar as contribuições da Educação Ambiental como uma dentre as várias respostas à percepção da crise ambiental como uma das várias respostas à percepção da crise ambiental contemporânea.

Segundo Leff (2010, p. 218), a crise ambiental constitui um chamado à reconstrução social do mundo: a apreensão da complexidade ambiental. Apreendê-la significa a compreensão do conhecimento sobre o meio:

A Educação Ambiental é um processo no qual todos somos aprendizes e mestres. Os bons mestres sempre foram aprendizes até alcançarem a maestria de artes e ofícios. Mas esse processo de transmissão de saberes sempre se deu no âmbito de relações de poder daquele quem detém um saber; de relações de dominação professor-aluno; de relações de autoridade e de prestígio exercidas na busca de apropriação de saber codificado, certificado.

Leff (2010) indica princípios que guardam relação com o processo de profundas alterações na forma de pensar as relações entre a sociedade e natureza indicando redesenho para essas relações à luz da percepção da complexidade ambiental. Tais princípios referem-se às três ordens de necessidades (SILVA apud LEFF, 2008, p. 95):

- a) Compreensão do próprio ambiente, com ampliação de seu conceito como algo produzido pelo encontro de várias subjetividades, pelo entrelaçamento de várias ordens físicas, naturais e culturais;
- b) Compreensão da complexidade ambiental: construir olhares múltiplos e não hierárquicos entre saberes próprios da ciência e os saberes populares;
- c) Apreender a complexidade ambiental através de processos de construção coletiva, adotando uma postura epistemológica atenta a sucessivos processos de construção e da construção de modelos de interpretação da realidade.

Para Silva (2008, p. 93), a Amazônia, embora com suas experiências isoladas de EA nas cidades e florestas da região, anseia por uma educação em que se perceba a necessidade de um diálogo entre as sociedades e natureza, vistas como rede de complexidades. Ainda de acordo com Reigota (2010, p. 10), para o Brasil e América Latina, a proposta de EA seria baseada na filosofia: da ciência, da política e da educação, uma proposta que visa à participação da

sociedade nas discussões e decisões sobre a questão ambiental e a utilização racional dos recursos naturais.

Com as perspectivas desanimadoras do quadro da educação e do meio ambiente na América Latina, Reigota indica que é necessário que a EA enfrente desafios de mudança de mentalidade sobre os modelos de desenvolvimento, baseado na acumulação econômica, no autoritarismo político, no saque aos recursos naturais, no desprezo às culturas de grupos minoritários e aos direitos fundamentais do homem.

Então EA seria uma educação política fundamentada em uma filosofia política, da ciência e da educação antiautoritária, pacifista e mesmo utópica, no sentido de exigir e chegar aos princípios básicos de justiça social, buscando uma “nova aliança” (Prigogine e Stengers) com a natureza através de práticas dialógicas pedagógicas (REIGOTA, 2010, p. 63).

Então seria importante o estabelecimento de uma filosofia de EA que possibilitasse a sua realização dentro de paradigmas contemporâneos da ciência, da política, da psicologia e da educação, analisando diferentes áreas de conhecimento.

A definição de meio ambiente para fundamentar a EA é a seguinte:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 181).

A definição acima é de 1988, e se aplica a experiência do IAPAV, porém como enfatiza Reigota (2009, p. 37):

O processo pedagógico da Educação Ambiental como educação política enfatiza a necessidade de se dialogar sobre e com as mais diversas definições existentes, para que o próprio grupo (no nosso caso os integrantes do IAPAV) possa construir junto uma definição que seja a mais adequada para se abordar a problemática que se quer conhecer e, se possível, resolver.

Para Reigota (2010, p. 16), EA como educação política é crítica aos sistemas autoritários, tecnocráticos e populistas. A prática de EA se sustenta e justifica quando esta educação colabora na busca e construção de alternativas sociais baseadas em princípios ecológicos, éticos e de justiça para as gerações atuais e futuras. No trabalho com os (as)

extensionistas rurais no Amapá e com professores (as) da rede pública de educação do Rio Grande do Sul, de 2000 a 2002, Reigota e Prado (2008, p. 173) reconheceram que o conhecimento de lugares com culturas e meio ambiente diferenciados resultou no aprofundamento e na avaliação de noções, teorias e da definição de EA como educação política elaborada em 1988, havendo necessidade de enfatizar como as noções de cultura se relacionam com a problemática ecológica e em particular com a Educação Ambiental:

Consideramos que se referir à cultura(s) e dar a ela(s) devida importância exige a tomada de uma clara posição política e especificar o referencial adotado. A nossa opção política e teórica privilegia as expressões dos anônimos e procura trazê-las aos espaços públicos de discussão acadêmica de políticas e alternativas de intervenção cidadã que considera e reivindica como fundamental a validade das singularidades culturais que se manifestam no cotidiano e que são expressas e produzidas pelos anônimos, não como produto cultural a ser consumido, mas sim como expressão de uma forma de viver/estar/ser/intervir e se posicionar no mundo.

Quanto às metodologias da EA vista como educação política, enfatiza-se a metodologia participativa, que indica que a EA precisa estar vinculada a perspectivas interdisciplinares de análise e tratamento das questões, por meio da história de vida e da pedagogia do projeto, dentre outras metodologias:

2.1 Cultura e cultura Amazônica

Embora as diversas definições de cultura desde o século XVII, em 1950, Laraia cita Kroeber (1876-1960) que escreveu que a ampliação e clarificação do conceito de cultura foi a maior realização da antropologia, em “Antropology, in Scientific American (LARAIA, 2009, p. 183). Porém esta ampliação foi contestada por Geertz, em 1973, propondo a diminuição da amplitude do conceito de cultura, transformando-o num instrumento mais especializado e poderoso teoricamente. Nesse sentido, os humanos são os únicos possuidores de cultura, diferenciando-se dos demais animais por terem a seu dispor a possibilidade de comunicação oral e a fabricação de instrumentos capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico (GEERTZ, 2011, p. 27- 28).

Das várias ideias de antropólogos sobre a origem da cultura, Laraia cita: Claude Lévi-Strauss, que aponta que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira

regra, a primeira norma (proibição do incesto); Leslie White, que pensa a origem da cultura como consequência da geração de símbolos pelo cérebro humano. Laraia fala dos pensadores católicos que atribuem a origem da cultura no momento em que o homem recebeu de Deus uma alma imortal. Cita também Geertz (2011, p. 56), que concluiu que a cultura desenvolveu-se no homem simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e um adequado volume cerebral.

Nas modernas teorias sobre cultura, conforme Geertz (2011, p. 33), esta pode ser vista como um instrumento de controle.

De tais programas culturais, para ordenar seu comportamento, um dos fatos mais significativos a respeito pode ser, finalmente, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie.

Na interpretação de Paes Loureiro (2007, p. 17), os valores criados pelos sujeitos humanos se relacionam com a cultura, na medida em que é ela que tece o espaço de legitimização, continuidade e renovação desses valores. Este autor indica que na Amazônia podem-se reconhecer dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura com características bem definidas e com articulação mútua, em decorrência de procedimentos próprios do desenvolvimento regional: o espaço da cultura urbana e o espaço da cultura rural. No espaço urbano, nas cidades, as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas. No ambiente rural, especialmente o ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores de sua história, onde a comunicação é oralizada e reflete a relação dos sujeitos humanos com a natureza numa atmosfera em que o “imaginário” privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

Falar da cultura da Amazônia significa, para Loureiro (2007, p. 26), falar de cultura que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância pela cultura do caboclo. Na cultura amazônica a proposição da dominância estética que o imaginário amazônico contém revela e estimula:

Os mitos amazônicos, os encantados que habitam as encantarias (olimpico submerso nas águas dos rios da Amazônia) são compreendidos por sua aparência estetizada e por meio dela garantem a força abstrata de sua duração [...]. Revelam-se como imagem de pura

aparência. Uma espécie de epifania. Atravessam as galerias do imaginário ribeirinho como iluminações, numa etno cenografia hierofônica, um puro deslizar de alegorias.

A cultura do ser humano amazônico por Paes Loureiro é a cultura de relação com a natureza povoando o imaginário. Até os anos 50, a Amazônia vivia num clima de isolamento e mistério. O sistema de vida e trabalho ribeirinho era integrado por pescadores; ou coletores de castanha; mateiros; extratores de seringa, de peles, de couros, de resina, de árvores, de ouro e de diamantes. E lavradores; os seringueiros; os vaqueiros e fazendeiros; os comerciantes; os empresários; os biscateiros e artesãos que viviam em função de floresta e do rio. Esse clima de isolamento e mistério ainda existe até hoje, apesar da rapidez de destruição do habitat amazônico, com consequências negativas para a atividade de auto subsistência do caboclo amazônico como a roça, a pesca, o extrativismo vegetal, etc., onde o resto do tempo é ocupado com preparação de festas de santos, limpeza de igarapés e o resto é adquirido modestamente, o que lhe atribuem estereótipos como a preguiça, inadaptação ao trabalho, falta de aspiração social, etc. Outro fato que reforça esse estereótipo é a exploração da sociedade amazônica que possui a especificidade da economia extrativista explorada por empresários que oligopolizam as transações de compra e venda dos produtos oriundos da floresta, assim como as demais atividades como pesca artesanal e a pequena agricultura que não tem a representatividade no mercado, pois dependem de intermediários que retiram grande parte da renda do caboclo amazônico. Mesmo assim, mantém sua cultura, mesmo que esta seja considerada subcultura pelos poderes públicos (LOUREIRO, 2000, p. 35).

Loureiro (2000, p. 34-38), sobre caboclo amazônico como homem amazônico: o nativo da terra, além de ter criado e desenvolvido processos altamente criativos e eficazes de relação com a natureza, construiu um processo cultural dissonante dos cânones dominantes. O caboclo humanizou e colocou a natureza na sua medida. O modo de viver e o trabalho do caboclo são considerados pelos segmentos mais abastados da população como primitivos, assemelhados aos dos indígenas e, por isso, inferiores, embora predominantes.

3 OS RESULTADOS DA PESQUISA: EDUCAÇÃO E CULTURA NAS RUAS- O CORDÃO DO GALLO EM CACHOEIRA DO ARARI

No município de Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó, o Instituto Arraial do Pavulagem desenvolve desde 2009, com o apoio da Fundação Curro Velho, o projeto “Caixa de Boi – Bumbá, Tecnologias e Saberes do Marajó”, por meio de oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais, de adereços e alegorias, de percussão, canto e dança; mostra de vídeos e de cinema (com temas relacionados ao meio ambiente); ensaios com a Banda local João Vianna e um cortejo pelas ruas da cidade.

Foi no contexto de fortalecimento da identidade cultural do município que surgiu o Cordão do Gallo, um brinquedo lúdico inspirado na história tradicional e contemporânea de Cachoeira do Arari. O nome do brinquedo é uma homenagem à obra do padre italiano, naturalizado brasileiro, Giovanni Gallo, que, em 1972, fundou o Museu do Marajó, no Pará, reunindo um valioso acervo sobre a cultura do homem marajoara, a partir de suas pesquisas como arqueólogo e fotógrafo.

• A construção do Cordão do Gallo

O processo de construção do cortejo do Cordão do Gallo se inicia com antecedência, com arrecadação de donativos, como brinquedos, agasalhos e alimentos não perecíveis em um evento chamado Natal Solidário do Cordão do Gallo, com a realização de um show beneficente, no ano de 2012, denominado II Noite do Canta Gallo que contou com a participação de mestres da cultura popular, poetas, músicos, artistas plásticos, educadores culturais, grupos folclóricos e parafolclóricos².

Em Cachoeira do Arari ocorrem as oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais, de canto, de dança e de percussão, além da mostra de vídeos e de cinema com temas referentes às questões ambientais e ensaio da Banda João Vianna.

² Grupo folclórico é formado por pessoas que participam de apresentações e que vivenciam as tradições populares. Grupos para- folclóricos, são formados por pessoas que retrabalham, interpretam e apresentam as vivências dos grupos folclóricos em forma de espetáculo.

A programação do cortejo do Cordão do Gallo foi realizada da seguinte forma: concentração às cinco horas em frente do Museu do Marajó; início às cinco e meia horas, do Brilho da Aurora (alvorada) com audição musical (músicas temáticas) e apresentação de folias (São Sebastião e do Cordão do Gallo). O café da manhã (mingau) foi servido às sete horas (só para as crianças) e a saída do cortejo às nove horas, com itinerário: Rua do Museu, Praça da matriz (com o plantio de mudas de samaureiras), Bairro do Choque e retorno ao museu.

Foto 01 - Rodriguinho participa anualmente do cortejo



Fonte: Joana Barretto, jan. 2012.

Foto 02 - Crianças com caixas do Marajó



Fonte: Joana Barretto, jan. 2012.

Constou da programação um roteiro musical para cada etapa do cortejo. As etapas foram denominadas de Brilho da Aurora, Rota do Cantagalo e Roda Marajora.

A arrumação do cortejo começou com os mastros sendo carregados por meninos e meninas, seguidos pelos cavalinhos e adereços de mão, bandeiras, o estandarte em homenagem a São Sebastião; em seguida o “galo”- o brinquedo da festa, a banda Giovanne com as crianças

portando as caixas do Marajó, confeccionadas nas oficinas, os músicos de sopros da banda João Vianna e os brincantes.

Foto 03 - Mastro dos meninos



Fonte: Joana Barretto, jan. 2012.

Foto 04 - Oficina das crianças



Fonte: Allan Carvalho, jan. 2012.

No roteiro musical, as composições musicais possuem letras com teor educativo, com palavras alusivas à preocupação com o meio ambiente e com o futuro do planeta.

O cortejo sai da frente do Museu do Marajó e segue até o centro da cidade. Em um espaço livre em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, foram fincados os mastros e foram plantadas as mudas de samaumeiras. A seguir, exemplo de letra de uma das canções tocadas e cantadas no cortejo- “Cadê a floresta?”, de autoria de Mestre Cardoso, integrante da Roda Cantada. Na letra da música, os elementos representativos da natureza amazônica:

Mamãe, cadê a floresta?
Nossas vertentes belezas
Os peixes da piracema
Não tem mais essa riqueza
Meu filho o Rio Guamá
Criou pai, filhos e netos
Agora só tem o resto
Do verde da natureza
Mamãe cadê a floresta?
O que é que o pássaro come?
Meu filho é assim mesmo
Do passado fica o nome
Meu filho o Rio Guamá
Desmatam as cabeceiras
Não tem mais as cachoeiras
E quem faz isso é o homem.

● **A dimensão ambiental associada à cultura local: as oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais e os plantios**

A percepção do artesão pode indicar que em meio a uma atividade tradicional, vinculada a uma cultura tida como não desenvolvida, é onde são geradas possibilidades de compreensão da complexidade das relações entre sociedade e natureza (SILVA in SIMONIAN, 2010, p. 479).

Nas oficinas de confecção de instrumentos para o Cordão do Gallo, a pintura dos instrumentos é feita com tintas para tecido e verniz, que aderem bem à madeira, segundo ele. Como produtos de origem natural são utilizados, o extrato de nogueira que rende mais, é mais diluído e atinge nuances de cores, porém é escasso no mercado; o jenipapo também é utilizado, mas é fruto de caráter sazonal; o cumatê, usado para as cuias; quanto a este último, é usado em Cachoeira do Arari, pela facilidade de encontrar este produto no local. Existe uma preocupação

quanto ao não esquecimento das raízes, reproduzindo nos instrumentos percussivos a simbologia amazônica como os desenhos marajoaras.

Foto 05 – Oficinas: pinturas de elementos da cultura marajoara nas caixas



Fonte: Joana Barretto, jan. 2012.

No trabalho realizado pelo Arraial, no que se refere à EA associada à cultura, deve-se levar em consideração que as crianças do lugar ao tomarem contato com o aprendizado artesanal dos instrumentos musicais, percebem melhor seu meio natural. O mesmo acontece com o plantio de árvores que integra o cortejo, que, assim como no aprendizado da confecção dos instrumentos de percussão, espera-se aprofundar nas crianças e jovens o cuidado com a natureza em associação à valorização de sua identidade cultural como sujeito amazônico.

4 ALGUMAS CONCLUSÕES: OS RESULTADOS DO ENCONTRO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURA NAS AÇÕES DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM

De acordo com as análises feitas, a partir da pesquisa realizada, pode-se obter como resultado compreensão das questões a seguir tratadas:

- a) O IAPAV afirma a importância da cultura e da EA em suas ações socioeducativas e socioambientais.

Tomando por base as teorias de Leff (2010) sobre complexidade ambiental, que conforme Silva (2008) baseando-se nas mesmas, indica para o Brasil uma revisão da política educacional, e as teorias das representações sociais de Marcos Reigota, experimentadas na prática do Norte até o Sul do Brasil, considerou-se neste trabalho a definição de EA como educação política, que mesmo que tenha caráter utópico tem respaldo no contexto em que vivemos, onde há uma crise de conhecimento:

- b) O IAPAV, por meio dos recursos das artes e da música, procura construir uma consciência coletiva da importância do diálogo com a natureza e uma escuta à natureza com grande repercussão na sociedade, que percebe as mensagens através do lúdico, onde a ética tem um espaço importante em suas preocupações socioambientais.
- c) Nas entrevistas com os componentes do IAPAV, colaboradores e seguidores percebeu-se, com relação às representações sociais do grupo, através dos termos das letras das músicas, dos elementos da natureza representados nas alegorias, nas roupas, nos brinquedos, que se revelou um conjunto de significados relacionados à natureza amazônica.
- d) O IAPAV revela um variado repertório de ritmos de diferentes culturas como o boi-bumbá, o carimbó, o retumbão, a mazurca, etc., numa busca de sincretismo cultural para o fortalecimento da identidade amazônica.
- e) O IAPAV tem uma perspectiva, que pode ser considerada mais abrangente sobre a EA, que oscila entre perspectivas diferentes entre si, mas que acabam por se integrar, procurando por meio do processo informal orientar os sujeitos a tomarem atitudes que não sejam agressivas e danosas ao meio ambiente e assumindo uma postura de recuperar o que foi degradado.

Ressalta-se para as ações do IAPAV, no entender específico deste trabalho a compreensão do valor das práticas culturais para o desenvolvimento da capacidade de enfrentamento dos problemas socioambientais nas situações concretas do cotidiano da vida; e a pressuposição da necessidade de emancipar os sujeitos da ação educativa construindo com eles as ferramentas e preparando-os para os processos decisórios nos diferentes espaços de participação.

Quanto à importância de novas exigências educacionais formativas valorizando a diversidade cultural amazônica, observa-se que há necessidade de uma maior aproximação dos sujeitos quanto às culturas tradicionais dos municípios, porém não se podem esperar mudanças conjunturais sem a existência de novas exigências educacionais formativas, de modo a inserir nessa formação as preocupações relativas à diversidade cultural das populações amazônicas e sua ecologia e socio diversidade, para que se consiga atingir o desenvolvimento com base no discurso teórico da sustentabilidade (SILVA, 2010, p. 481).

REFERÊNCIAS

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- HAGUET, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escritura, 2000. v. 5
- _____. **A conversão semiótica: na arte e na cultura**. Belém do Pará: Editora Universitária-UFPA, 2007.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- REIGOTA, Marcos. **Entrevista exclusiva com o professor Marcos Reigota**. Em 14 de fevereiro de 2012. Entrevista concedida a HistoriaNews.Org. Disponível em: <http://www.historynews.org/2012/02/entrevista-exclusiva-com-o-professor_15.html>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- _____. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **O que é educação ambiental**. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do (Orgs). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, Marilena Loureiro da. Recursos florestais e sua transformação em cultura na cidade: reconstituindo significados. In: SIMONIAN, L. T. L.(Org). **Belém do Pará: história cultura e sociedade**. Belém: Editora do NAEA, 2010.
- _____. **Educação ambiental e cooperação internacional na Amazônia**. Belém: NUMA/UFPA, 2008.